



PESQUISA HISTÓRICA E PRÁTICA SOCIAL: TENDÊNCIAS E POSSIBILIDADES

Ivani Rosa*

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

somalinnny@yahoo.com.br

O livro *Muitas Memórias, Outras Histórias*¹ é fruto de reflexões efetuadas por historiadores que compõem o projeto PROCAD/CAPES² e expressa as perspectivas em relação aos debates realizados, ao longo de diversos seminários promovidos pelo grupo.

As propostas seguiram uma linha de raciocínio que se propôs a trabalhar criticamente novos temas, abordagens, incorporando questões e, ainda, concebendo o movimento da operação histórica, isto é, “sempre colocando em causa as relações entre memória e história”.

Esses apontamentos indicavam um pensamento diferenciado daquele que vê a História como uma ciência que investiga o passado. Ela é aqui concebida como uma prática que busca as relações dos sujeitos no social. Nessa abordagem, a pesquisa histórica adquire vitalidade no movimento tanto de retrospectção, quanto de prospecção, e coloca o próprio historiador como sujeito dessa dinâmica histórica.

Uma discussão importante é a que procura perceber a memória como um campo de luta política. A percepção de que há no social a constante produção de memórias convivendo em conflito na busca por legitimação, sendo algumas delas tornadas hegemônicas, levou o grupo ao interesse e a um posterior compromisso de se

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia.

¹ FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (Orgs.). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho D'Água, 2004.

² O PROCAD – Programa Nacional de Cooperação Acadêmica, reuniu historiadores de diferentes instituições de ensino superior: Pontifícia Universidade Católica (PUC/SP), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade Católica de Salvador e Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis). Esse projeto, desenvolvido no período de 2001 a 2004, promoveu um intercâmbio entre pesquisadores no sentido de sistematizar o diálogo em torno de questões relacionadas à memória e à história. O livro *Muitas Memórias, Outras Histórias* traz os trabalhos dos vários pesquisadores integrantes do projeto, em temáticas diferentes, mas expressando as reflexões teóricas construídas no projeto.

ater às memórias alternativas de sujeitos excluídos da dita história oficial, ou seja, pessoas comuns, trabalhadores que agem e interagem no social.

Esse caminho possibilitou o trato com diversas memórias, expressas tanto nos relatos desses sujeitos, quanto em outros suportes documentais. Ao lado disso, a preocupação maior do grupo dizia respeito a uma possível maneira de difundir o trabalho em andamento, com base no compromisso de fazer emergir “outras histórias”, já que essa produção também expressa uma memória alternativa, protagonizada por sujeitos dissidentes, contrapondo-se àquela “que se propõe como única versão autorizada dos acontecimentos”.

Uma das formas encontradas para socializar as idéias dos pesquisadores, aqui representados, foi a produção dessa coletânea, cujos textos assumem o desafio de enfrentar inquietações surgidas ao longo dos debates. Mais exatamente, o fato de que, ao refletir sobre memória e história, o debate fluiu por um caminho de compreensão, fazendo conceber a existência de uma memória social, que se manifesta na concepção de “muitas memórias”.

Porém, ao tratar da história, o grupo percebeu, em um primeiro momento, nos trabalhos produzidos e nas falas dos integrantes, que essa sempre aparecia no singular. Diante disso, passou a ser um desafio enfrentar esse debate e assumir que a história, assim como a memória, deveria também ser concebida no plural. Essa inquietação, indicando o cerne das discussões expressas nos artigos, acabou por dar origem ao título da coletânea: *Muitas memórias, outras Histórias*³.

Os textos trazem a valorização dos sujeitos e suas culturas, com preocupações em discutir os movimentos sociais como expressão de suas práticas políticas. As suas memórias aparecem por intermédio dos hábitos, costumes, sentimentos, sonhos e expectativas. Dessa maneira, o historiador volta-se, nesse campo de análise, para o múltiplo e o diferente, expressos por interesses divergentes. Alguns textos problematizam a luta de determinados grupos, reivindicando o direito à diferença, seja na conservação ou reordenação de um costume, seja pela ocupação de espaços, seja ainda pelo reconhecimento de sua cidadania; enfim, o direito de manifestarem livremente suas culturas.

³ O projeto PROCAD tem como título: **Trabalho, Cultura e Cidade – Muitas Memórias, Outras Histórias**.

O artigo de Sérgio Paulo Morais⁴ trilha esse caminho. O autor demonstra a luta de carroceiros pelo direito de trabalhar nas ruas da cidade de Uberlândia, diante da imposição de mudanças no espaço físico urbano (principalmente na parte central da cidade), e no comportamento das pessoas, no sentido de adequar a cidade aos parâmetros da modernização. Tais transformações, novos valores e relações de convivência da população afetaram diretamente os carroceiros, pois, o que se percebe, no discurso dos dirigentes municipais, é a idéia de que “as carroças não se encaixavam, sob a percepção do mercado, no ‘panorama’ de desenvolvimento criado nos anos de 1970, e articulado nos anos de 1980, em torno da participação democrática dos cidadãos urbanos, limpos e devotados às normas da saúde e da higiene pública”⁵. As imposições de mudança, por parte do poder público, fizeram com que os carroceiros reformulassem seu modo de trabalhar, mas não impediu que eles continuassem a circular com suas carroças (que são seus instrumentos de trabalho) pelas ruas da cidade.

Ao trabalhar as diversas dimensões da vida desses sujeitos, percebe-se o esforço do historiador em trazer esses atores para o campo de disputa, assim como suas próprias memórias, já que, ao produzir história, ele se posiciona e expressa sua prática política. Percebe-se, assim, essa característica comum nos textos: a de traduzir a experiência do historiador como expressão de sua relação com seu tema, seus sujeitos e, acima de tudo, com o social.

Um outro ponto de interesse, contido nos textos, é o trato dos historiadores com as fontes. Ao questioná-las, o pesquisador propõe-se a explorar dimensões que as legitimaram como documento. Importante ressaltar, ainda, que esse procedimento é cabível, tanto para as fontes tidas como oficiais, quanto para aquelas eleitas por pessoas comuns, como uma foto de família, um diário, uma escritura, etc. Ao lado disso, os trabalhos subvertem a idéia da aceitação da fonte como prova inquestionável da verdade. Ao contrário, percebem que, atrás de seu processo de produção, existem sujeitos e, por isso, são carregadas de intencionalidade. Nesse sentido, cabe o questionamento por quem, como e onde elas foram produzidas.

⁴ MORAIS, Sérgio Paulo. Tempo, trajetórias de vida e trabalho de carroceiros na cidade (Uberlândia-1970/1998). [p. 225-246]. Na mesma direção, encontra-se o artigo de SILVA, Zélia Lopes da. Os carnavais na cidade de São Paulo nos anos de 1938 a 1945. [p. 68-93], enfatiza a resistência dos foliões de carnaval em continuarem seus festejos, mesmo diante das fortes proibições ocorridas na década de 1930, no sentido de controlar as manifestações populares.

⁵ Ibid., p. 228.

Sob esse aspecto, a imprensa geralmente é vista como testemunho da verdade histórica. No entanto, o texto de Maciel⁶ contribui para a revisão dessa noção, na qual o jornal diário se vale de “uma narrativa sobre os acontecimentos que se apresenta como o próprio acontecimento, reivindicando uma condição de lugar de verdade na produção do entendimento sobre a realidade social”⁷. O historiador crítico adota, em sua prática de pesquisa, o procedimento de tomar a imprensa como formadora de opiniões e, portanto, constituinte de memórias hegemônicas, modelando formas de pensar e agir, definindo papéis sociais, generalizando posições e interpretações que se pretendem compartilhadas e universais⁸.

Seguindo o mesmo raciocínio, o texto de Barbosa⁹ é também representativo da relação do historiador com suas fontes. A autora percebe as fotografias, arquivadas em museus e estampadas em periódicos e revistas, sobre a seca no Ceará, acompanhadas de textos que as identificam, como constitutivas de uma memória que se tornou dominante, apontando para a formação de uma imagem do nordestino como “faminto” ou “flagelado” e do Ceará refletindo o próprio Nordeste da seca. Barbosa alerta também para a necessidade de problematizar essas imagens, indagando sobre o lugar no qual as fotografias foram feitas, quem as produziu, o local onde estão armazenadas; enfim, questionar os seus significados. Com essa interrogação, abre-se o caminho para articular e dar visibilidade a outras interpretações não instituídas.

Deve-se salientar também que as narrativas orais são compreendidas como práticas sociais e expressão de experiências vividas. Muitas são produzidas pelo próprio historiador. Outras, já prontas, encontram-se em arquivos, para serem analisadas. Tanto no primeiro caso, quanto no segundo as narrativas orais requerem o entendimento dos significados expressos pelo narrador, que só encontram sentido em suas trajetórias.

⁶ MACIEL, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: Algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. [p. 14-40]. Nesse texto, a autora articula as relações entre imprensa, memória e vida urbana, percebendo as mudanças que se processaram nos meios de comunicação através da expansão do telégrafo nas grandes cidades, onde “esse passa a mediar e participar das trocas e relações entre os habitantes”. Esse processo fez com que se incorporassem e redefiniram outras linguagens e também instituísem novas formas de se comunicar, moldando a língua, a escrita, informando alterações na produção literária e na imprensa. Também no trabalho de PAULA, Dilma Andrade de. O futuro traído pelo passado: a produção do esquecimento sobre as ferrovias brasileiras. [p. 41-67], é elucidativo da influência da grande imprensa na construção da imagem do atraso e da ineficiência das ferrovias. A imprensa desempenhou um papel de parceria na constituição de uma memória que se instituiu como hegemônica, desconsiderando outras memórias que também construíram essa história.

⁷ Ibid., p. 15.

⁸ Ibid.

⁹ BARBOSA, Marta Emília Jacinto. Os famintos do Ceará. [p. 94-115].

Dessa forma, o historiador estabelece um diálogo com os oradores, o que implica apreender “os sentidos que cada um dos fatos narrados e das pessoas que narram assumem nas problemáticas” estudadas¹⁰. É preciso também estar atento para a relação que o narrador estabelece com o tempo, porque ele localiza os fatos na sua memória, de acordo com o significado que eles têm em determinado momento de sua vida¹¹.

Desse conjunto de artigos, a maior parte fez uso da fonte oral como uma possibilidade de construção de “outras histórias”, percebendo e analisando os interesses divergentes que se expressam no social¹². Nessas outras histórias emergem memórias de trabalhadores, vivências urbanas, manifestações sociais e experiências compartilhadas.

Eles expressam ainda a preocupação em relacionar presente e passado, explicitando a compreensão de que o historiador fala a partir do presente, pois ele é um sujeito do seu tempo. Essa concepção tornou-se também um desafio a ser enfrentado pelo grupo, já que há uma afirmativa vigente de que o historiador analisa o passado e, portanto, é nele que se encontra a base de suas interpretações. Romper com essa noção significa inverter a relação de passado-presente para presente-passado. Observando os textos, percebe-se, além disso, o esforço dos historiadores no sentido de projetar suas análises para o futuro, não no sentido de fazer previsões, mas procurando indicar possibilidades a partir do que está colocado nesse presente.

Os textos que formam essa coletânea expressam as reflexões realizadas até o momento, ou seja, as concepções neles contidas não são fechadas. Pelo contrário, elas estão sujeitas a possíveis re-orientações. Por esse fato, com a concretização desse

¹⁰ KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro. et al., op. cit., p. 123.

¹¹ Sobre as questões do tempo na narrativa, destaca-se o texto de PORTELLI, Alessandro. O momento da minha vida: funções do tempo na história oral. [p. 296-313].

¹² Dos artigos dessa coletânea que trabalham com as fontes orais nessa perspectiva, podemos citar: ALMEIDA, Paulo Roberto de. Encantos e desencantos da cidade: trajetórias, cultura e memória de trabalhadores pobres de Uberlândia – 1970-2000. [p. 139-154];

CALVO, Célia Rocha. Muitas memórias, outras histórias de uma cidade. Lembranças e experiências de viveres urbanos em Uberlândia. [p. 155-172];

CARDOSO, Heloísa Helena P. Memórias de um trauma: O massacre da GEB (Brasília/1959). [p. 173-190];

SILVA, Dalva Maria de O. Algumas experiências no diálogo com memórias. [p. 191-207];

VARUSSA, Rinaldo José. Trabalhadores e memórias: disputas, conquistas e perdas na cidade. [p. 208-224];

MORAIS, Sérgio Paulo. Tempo, trajetórias de vida e trabalho de carroceiros na cidade (Uberlândia-1970/1998). [p. 225-246];

VASCONCELOS, Regina Ilka V. Tempos e memórias. Caminhos para o sertanejo: quem conta histórias? [p. 247-262];

OLIVEIRA, Lêda Maria L. Memórias e experiências. Desafios da investigação histórica. [p. 263-281].

trabalho, os componentes do projeto PROCAD/CAPES estão indicando o fim de uma etapa e o início de uma forma de abordagem historiográfica diferenciada. Fundamentalmente, por meio das *Muitas Memórias, Outras Histórias*, esses historiadores contribuem para a construção de um saber histórico que se caracteriza pela diferença, diversidade e multiplicidade.



www.revistafenix.pro.br